

sedutor. Recomendo a sua leitura a quantos – e são hoje cada vez mais – gostam de ver na arte um lugar privilegiado da aparição da verdade. Na linha de um novo modo de exercer o pensamento na escuta do profundo e oculto das coisas, quer se trate de filosofia quer de teologia. Como Heidegger (re)descobriu, no seguimento dos primitivos poetas-pensadores gregos e que bem poderia ter sido também – embora não tenha sido, como lhe reprova Ricoeur – do modo bíblico de estar à escuta desse oculto e profundo (do Mistério) que nas coisas e na vida anda e espera ouvintes à altura do seu verbo (ou simplesmente do Verbo).

JORGE COUTINHO

HUNYADI, Mark, **L'Homme en contexte. Essai de philosophie morale**, coll. « Humanités », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2012, 242 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09781-9.

O autor, professor de filosofia social e política na Universidade Católica de Louvain, parte da constatação de um sistemático desvio de perspetiva no tratamento da filosofia moral. E tal é o desvio da consideração de um ser humano concreto, que é sempre um ser-num-contexto, para um ser humano considerado em abstrato, sem ter em conta o seu contexto. É convicção generalizada que o indivíduo deve ser abstraído do seu contexto, se sobre ele se quiser estabelecer as verdades inabaláveis da sua vida moral ou formular as leis universais da sua conduta. Ora a realidade concreta, a única realidade real, é a de um ser humano contextualizado. Desde o nascimento (e mesmo desde a gestação) até à morte estamos imersos num contexto. Isso

tornou-se particularmente evidente desde a chamada de atenção de Husserl para a *Lebenswelt* (o mundo da vida), passando por importantes contributos de Heidegger, Wittgenstein e filosofias da linguagem, etc. A partir daí torna-se patente que o nosso saber moral se constrói, em regra, sobre um não-saber, que é um infra-saber, de onde aquele emerge «sobredeterminado» por este.

E todavia, o contexto, considera Hunyadi, continua o grande esquecido das teorias morais. Com isso esquecida tem andado a *experiência moral*, tal como é vivida pelos seus atores. Daí que uma filosofia (e porque não uma teologia?) moral orientada para o homem concreto careça de ter em conta, e muito, o contexto do sujeito moral. Sem esquecer que o contexto fornece aos atores morais não só recursos irrecusáveis para a compreensão da sua experiência moral, mas também a capacidade de distanciamento (o autor fala de transcendência) e de crítica do mesmo contexto. A esta capacidade de distanciamento crítico, inserida no que ele designa como o «contextualismo crítico», chama ele a «contrafactualidade», considerando-a um conceito-chave na sua exposição. O que ele defende, entretanto, é que a contrafactualidade não deve ser obtida por uma depuração da razão relativamente ao seu contexto. Justamente porque o contexto lhe fornece (à razão) também a capacidade de o criticar.

O livro está dividido em três partes. Na primeira, o autor trata do contexto em si mesmo, quer como pólo cognitivo quer como pólo de confiança. Na segunda, reflete sobre o que designa como o Contexto Moral Objetivo (CMO) e da mudança de regime da consciência que ele implica. Desenvolve então largamente as várias implicações da contrafactualidade. A terceira parte é dedicada ao contexto como fonte de identidade. Nesta parte, já quase

a concluir, vem a propósito tecer algumas considerações sobre a possível acusação de relativismo moral. Hunyadi acha que não, porque «a razão *última* – mas não definitiva! – que [os sujeitos morais] podem invocar no caso de uma avaliação moral – depois de esgotadas todas as demais – é uma razão que tem a ver com a identidade moral.» (p. 211). Uma resposta que carece de ser vista, mais amplamente, no contexto da obra aqui apresentada.

LUÍS SALGADO

## SOCIEDADE / CULTURA

FFORDE, Matthew, **La désocialisation. Crise de la postmodernité**, coll. «La nuit surveillée», Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2012, 430 p., 215 x 135, ISBN 978-2-204-09616-4.

Livro de relativamente grande fôlego, esta obra – aqui na tradução francesa do original inglês – analisa a crise social atualmente em curso na Grã Bretanha, terra natal do autor, tendo embora em conta que esta é também uma crise de outros países, sendo a do seu apenas pioneira em muitos aspetos. Muitos são os fenómenos reveladores de uma sociedade em crise, ou daquilo que ele designa em título como «dessocialização» enquanto perda dos laços sociais. M. Fforde elenca, entre outros: o declínio da família, o sofrimento da juventude, a baixa participação eleitoral, a confusão no domínio da sexualidade, o nível elevado de criminalidade e de violência, a pouca confiança entre os cidadãos, a enchente das prisões, o número crescente de pessoas que vivem sós, etc.

Na sua análise ressalta a denúncia da «matriz materialista» na raiz desta dessozialização, que ele liga à descristianização do mundo ocidental e à inerente secularização. Em contraponto, considera que só uma conversão cultural do materialismo ao espiritualismo e, no fundo, de novo ao cristianismo, será capaz de devolver a esta sociedade aquele bergsonianismo «suplemento de alma» que lhe falta e que está na raiz dos seus males. Uma razão de fundo para uma efetiva «nova evangelização». O livro tem em vista também servir como convite aos grandes autores e adeptos das correntes de pensamento contemporâneas no sentido de refletirem sobre a validade dos seus contributos, à luz dos frutos negativos por eles produzidos. Não sem que reconheça que, na sociedade e na cultura deste tempo, há também aspetos positivos.

Ao longo de dez capítulos, M. Fforde apresenta os factos tangíveis e «os imponderáveis», menos concretos mas com os seus visíveis afloramentos; o espiritualismo cristão e suas marcas, como critérios de avaliação da cultura presente materialista; as falsas antropologias da pós-modernidade: humanismo, racionalismo, «direitos-do-hominismo», societarismo, economicismo, «poderismo», animalismo, sexualismo, fisiologismo, sensismo, psiquismo; as suas consequências «fatais»: ataque à vida segundo o Espírito e correspondente encorajamento de alguns pecados capitais (orgulho, avareza, inveja, luxúria e guloseima, cólera); relativismo como autêntica filosofia do vazio, com as consequências da liberdade irresponsável, da desculturização, do ataque contra todo o projeto comum e sagrado, enfim a corrosão da alma e da comunidade; a crescente descristianização, de que distingue duas fases (1800-1914 e 1914-2008); os «pequenos pontos» da sociedade de massas: a concentração da população nas cidades,